

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

99

INSCRIÇÕES 446-447



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES  
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
2012

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRI-GA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, todos os volumes estão também disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

Instituto de Arqueologia  
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes  
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Palácio de Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



ARA VOTIVA A TUTELA  
CILHADES (FELGAR, TORRE DE MONCORVO)

Ara votiva de granito encontrada no sítio do Laranjal, propriedade agrícola do lugar de Cilhades,<sup>1</sup> em Setembro de 2011, no decorrer da escavação arqueológica<sup>2</sup> de uma área de necrópole.

A epígrafe foi identificada em níveis de entulho<sup>3</sup> de um socalco estruturado. O mesmo nível poderia conter parte do

---

<sup>1</sup> Lugar da margem direita do rio Sabor, freguesia de Felgar, concelho de Torre de Moncorvo, distrito de Bragança.

<sup>2</sup> Agradecemos à EDP e ao ACE Baixo Sabor a necessária autorização para a publicação do presente texto. Agradece-se igualmente a José d'Encarnação, Guilherme Cardoso, Armando Coelho, Armando Redentor, André Tereso e Isabel Lopes (arqueóloga no Município de Carrazeda de Ansiães) o apoio prestado neste estudo.

A intervenção arqueológica, promovida pela EDP (dono de obra), foi desenvolvida pelo ACE Baixo Sabor (consórcio construtor, formado pelas empresas Oderbrecht/Bento Pedroso Construções, S.A. e Lena Construções) e executada pela empresa Arqueoliber Lda. Integra-se, pois, no Estudo Etno-arqueológico de Cilhades, conjunto de medidas de minimização do Aproveitamento Hidro-eléctrico do Baixo Sabor.

<sup>3</sup> Segundo Jorge Pinho, que dirigiu, à data, os trabalhos arqueológicos no Laranjal, a peça foi encontrada na EU [161]: Sedimento arenoso, castanho, solto. Apresentava na sua constituição muitas pedras de xisto de pequena, média e grande dimensão, algumas pedras de granito de tamanho pequeno e médio. Foram recolhidos alguns elementos arquitectónicos (ara votiva, coluna e silhar), muita cerâmica comum e de construção.

derrube ou desmonte de um pequeno edifício, para já enquadrado em ambientes medievos, com as devidas reservas, uma vez que a intervenção arqueológica ainda decorre. A peça teria sido reutilizada no referido edifício,<sup>4</sup> que, por sua vez, se sobrepõe a uma necrópole de longa duração (período medieval) e a uma ocupação romana, segundo os dados disponíveis. Da reutilização da ara ou do derrube das paredes do edifício pode ter derivado a sua fragmentação em duas partes, não oferecendo, ainda assim, quaisquer dúvidas de leitura.

No mesmo local já tinha sido recolhida uma outra ara votiva, dedicada a Denso,<sup>5</sup> exumada durante a abertura dos caboucos para a construção de um tanque, localizado em zona contígua à necrópole dentro da mesma propriedade agrícola.

A peça foi trabalhada nas quatro faces, sendo o suporte de granito<sup>6</sup> de grão médio, de resistência mediana e de tonalidade bege-amarelada.<sup>7</sup> Apresenta 76 cm de altura máxima, preserva o capitel, o fuste e a base. Bem trabalhada nas quatro faces, sem qualquer tipo de decoração nas laterais.

Foi possível observar um tipo de granito ou suporte semelhante noutras epígrafes da região, identificadas no concelho de Torre de Moncorvo (duas estelas reutilizadas na

---

<sup>4</sup> O mesmo tem vindo a ser conotado com a antiga Capela de São Lourenço de Cilhades.

<sup>5</sup> ENCARNÇÃO, José d', *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal: Subsídios para o Seu Estudo*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1975: 173-174; PRÓSPER, Blanca María e REDENTOR, Armando, "Denso: uma divindade lusitana revisitada", *Conimbriga*, Coimbra, 46, 2007: 251-265; REDENTOR, Armando, "Panorama da teonímia pré-romana em Trás-os-Montes Oriental", in ENCARNÇÃO, José d' (coord.), *Divindades Indígenas em Análise* (Actas do VII Workshop FERCAN), Coimbra, 2008: 105-124.

<sup>6</sup> Trata-se de um granito leucocrático, predominantemente moscovítico e com turmalina relativamente abundante.

<sup>7</sup> Analisando a Carta Geológica, escala 1:500, folha 11-C, André Flório (Geólogo - ACE Baixo Sabor) identificou este tipo de granito em três áreas restritas do concelho de Torre de Moncorvo (Junqueira-Nozelos e Larinho). Aponta-se a formação "Granito de Arejadouro – Junqueira – Adeganha", como sendo o suporte litológico que constituiu as aras de Cilhades e de Carrazeda de Ansiães. Visitadas aquelas áreas e recolhidas algumas amostras de rocha, reconheceu-se maior afinidade entre a matéria-prima da ara em análise e o granito de Junqueira-Nozelos. Curiosamente, informações orais confirmam a existência de pedreiras naquela zona, até à segunda metade do século XX.

Capela da Nossa Senhora do Roncal-Adeganha) e Carrazeda de Ansiães (ara a *Bandu Vordeaego*, actualmente exposta no Centro Interpretativo da localidade).<sup>8</sup> A existência de uma ou mais oficinas nas imediações do vale da Vilariça e da própria *ciuitas Baniensis* poderia explicar as semelhanças registadas. Pelas características do granito, seria uma matéria referenciada e preferencial para este tipo de monumentos.

O altar apresenta no capitel um frontão triangular e a empena, também triangular, do tardo. Nas extremidades laterais conservam-se os dois toros semicilíndricos. Na zona central, um *foculus* circular, com 9 cm de diâmetro e 0,5 cm de profundidade. Sob a cornija, a moldura que separa o capitel do fuste, na qual pode observar-se, de cima para baixo: gola directa, ranhura, gola directa, ranhura, gola reversa e filete directo. O fuste, de faces rectangulares bem alisadas, tem 40 cm de altura, 27 cm de largura e 21 cm de espessura. Na ligação entre o fuste e a base existe outra moldura composta por filete directo, gola reversa e ranhura.

Dimensões (cm): 76 x 33,5 x 26,5; capitel: 21 x 33,5 x 26,5; fuste: 40 x 27 x 21,5; base: 15 x 33,5 x 27.

Campo epigráfico: 35 x 24.

TVTELAE / CORNE/LIVS FLA/CCVS / <sup>5</sup>EX VOTO  
*A Tutela. Cornélio Flaco, por voto.*

Altura das letras (cm): l. 1 a 3: 5; l. 4: 5 (primeiro C = 5,5); l. 5: 5 (último O = 2,5). Espaços: 1: 2,5; 2: 1/1,5; 3: 1,5; 4: 1,5; 5: 1/1,5; 6: 1/2,5

O texto encontra-se centrado, excepto a quarta linha que se apresenta alinhada à esquerda. Dista 2,5 cm do topo e 1,5 a 2,5 cm da base do fuste, 1,5 cm do limite à esquerda e 0,5-1 cm ao lado direito. Sem recurso a linhas auxiliares, os caracteres são actuários, ainda que alguns tendam para o monumental quadrado, nomeadamente os OO e os CC. Os AA não se apresentam

---

<sup>8</sup> Vide ENCARNÇÃO, José, e LEMOS, Francisco Sande, «Ara votiva a Bandu Vordeaeco», *Ficheiro Epigráfico* 40 1992 n° 179.

simétricos. Na primeira linha, o A não tem travessão, e o que parece ser um ponto será talvez resultado de uma acção posterior, uma vez que, na l. 3, o A de *Flaccus* também o não tem. O último E da primeira linha foi parcialmente truncado, sendo segura a sua existência, comprovada pela presença do traço vertical e pelo arranque dos traços horizontais. Não se reconhece pontuação, e a possibilidade da existência de um *punctus distinguens* circular, na última linha, respeitante à separação de *ex* de *voto*, afigura-se-nos remota. A translineação respeita a divisão silábica.

O dedicante é portador de *duo nomina* latinos. O gentílico *Cornelius* é um dos mais frequentes na *Hispania* romana, estando também presente na região do Nordeste Transmontano,<sup>9</sup> Beira Interior e Beira Baixa.<sup>10</sup> Igualmente, o *cognomen* latino *Flaccus*, vulgar na *Hispania*, encontra-se representado no território da *ciuitas Zoelarum*,<sup>11</sup> sendo relativamente comum na epigrafia da *civitas Igaeditanorum*.<sup>12</sup>

Se tomarmos como paralelo a epigrafia da região de Bragança estudada por Armando Redentor (2002, p. 220) verifica-se que, em 73,4 % dos casos, as fórmulas onomásticas são representadas por um nome único + patronímico, 21,52% por *duo nomina*, 3,79% por nome único e 1,27% com *tria nomina*.

O facto de se identificar com um gentílico e um cognome latinos e omitir a filiação podia conduzir-nos a pensar que o dedicante poderia integrar-se numa população livre de origem indígena; contudo, existem casos idênticos no Nordeste transmontano respeitantes a cidadãos romanos com *duo nomina*,

---

<sup>9</sup> Segundo Armando Redentor (*Epigrafia Romana da Região de Bragança*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 2002, p. 49 = REDENTOR, 2002:...), no território *zoela* foram reconhecidas epígrafes com o gentílico *Cornelius*: Izeda (Bragança), Espinhosela (Bragança), Saldanha (Mogadouro), Malhadas (Miranda do Douro) e Villalcampo (Zamora).

<sup>10</sup> FERREIRA, Ana P. R., *Epigrafia Funerária Romana da Beira Interior: Inovação ou Continuidade?*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 34. 2004; SÁ, Ana Marques de, *Civitas Igaeditanorum: os Deuses e os Homens*, Município de Idanha-a-Nova, 2007.

<sup>11</sup> Cf. REDENTOR (2002: 58): no território dos *Zoelas* registaram-se duas epígrafes com o *cognomen Flaccus*: Espinhoselo (Bragança, n.º 9) e Nogueira (Bragança, n.º 53).

<sup>12</sup> Ana Sá (2007) inventaria oito epígrafes que atestam o *cognomen Flaccus*, inventariadas sob os números 79, 107, 127, 149, 150, 151, 152 e 205.

num período cronológico muito concreto, situado na segunda metade do século II e nos inícios do século III.<sup>13</sup>

O cuidado e esmero na concepção do altar é bem patente no alisamento das superfícies, nos paralelismos das medidas do capitel e base (a espessura de 27,5 cm e a largura de 33 cm são iguais), a boa qualidade na execução das letras e a própria organização do texto. O nome da divindade ocupa exclusivamente a primeira linha, destacando-se do restante texto. O nome do dedicante parece, no entanto, deter também lugar de destaque, em virtude de o seu nome ocupar as três linhas centrais. A invocação da divindade é feita sem recurso a qualquer elemento determinativo toponímico, como acontece na outra inscrição do território abrangido pela antiga *ciuitas Baniensis*.<sup>14</sup> A repartição do nome do dedicante por três linhas denota preocupação em preencher equilibradamente o campo epigráfico.

Importa recordar que, no actual território português, até ao momento, foram identificados quatro testemunhos dedicados a Tutela, incluindo o que ora publicamos, tendo os restantes sido reconhecidos na Granjinha (Chaves, dedicado por *Marcus Ulpius Saturninus* à Tutela da *civitas Aquiflaviensis*), na Senhora da Ribeira (Carrazeda de Ansiães, consagrada por *Clitus, Corinthus* e *Calvinus*, escravos de *Pompeius*, à *Tutela Liriensis* ou *Tiriensis*) e em Ribeiro do Muro [Almaceda, Castelo Branco, dedicada à *Tutella* por (S)evera (Sa)elgi? F.].<sup>15</sup>

Dado o estado ainda preliminar das escavações arqueológicas em Cilhades, em particular na área do microtopónimo Cemitério dos Mouros, ainda não existem vestígios arqueológicos que comprovem as nossas suspeitas de aqui ter existido um *vicus* ou mesmo uma *villa*.<sup>16</sup> Recorde-se que na origem do povoamento

---

<sup>13</sup> REDENTOR, 2002: 220-222.

<sup>14</sup> Dedicada a *Tutela Tiriensis* ou *Liriensis*, de Carrazeda de Ansiães: ENCARNAÇÃO 1975: 294-296.

<sup>15</sup> FERNANDES, Luís da Silva, 2002, “*Genii, Lares* e *Tutela* na Província da Lusitânia”, in RIBEIRO, José Cardim (coord.), *Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, p. 179-188.

<sup>16</sup> Dos materiais observáveis à superfície e em contexto arqueológico na área do Laranjal e Cemitério dos Mouros destacam-se cerâmicas de construção ou cobertura (*tegulae* e *imbrices*), silhares almofadados e fustes de colunas de granito, um elemento decorativo de granito, cerâmica comum, *terra sigillata*,

desta zona do vale do Sabor esteve o povoado fortificado do Castelinho, este com uma ocupação comprovada a partir do séc. VI a.C., prolongando-se até ao principado de Augusto, segundo os dados para já disponíveis. Do seu despovoamento pode ter resultado qualquer uma das hipóteses levantadas.

Outro aspecto a salientar prende-se com o facto de no sítio conhecido por Laranjal, no lugar de Cilhades, terem sido encontrados os dois altares já referidos, dedicados um a Denso e o outro a Tutela, ambas divindades tutelares. É certo que ambas as peças se encontravam desprovidas do contexto original e reutilizadas. Mesmo assim, equacionamos a possibilidade de terem provindo de um pequeno templo ou santuário, ainda não localizado, mas que poderia ter existido nas proximidades da necrópole, ou do núcleo habitacional romano, área que se encontra em fase de escavação junto ao conjunto edificado contemporâneo de Cilhades (Cemitério dos Mouros). A coexistência de, pelo menos, duas aras votivas num mesmo espaço e período histórico poderá estar na base da inexistência de indicação de qualquer *populus*, pois estaria subjacente na realização de um culto no mesmo templo onde coexistiriam as divindades tutelares daquele povo específico.

Temos dúvidas se esta dedicatória se dirigiu à deusa *Tutela* do panteão latino. M. J. Pena,<sup>17</sup> apesar de ter rejeitado que o sucesso do culto a *Tutela*, fundamentalmente na Tarraconense, tenha ocorrido com base numa qualquer assimilação com divindades paleo-hispânicas, não deixa de reconhecer ligações à religiosidade indígena nas dedicatórias do Noroeste peninsular, onde, de certa forma, este culto parece relacionar-se com importantes mananciais de água, situação que se assemelha com a posição de Cilhades – proximidade do rio Sabor e de pequenas linhas de água.<sup>18</sup> Nalguns casos peninsulares, *Tutela* surge na

---

pesos de tear, *dolia* e elementos de moinhos.

<sup>17</sup> PENA, M. J., “El culto a Tutela en Hispania”, in *Paganismo y Cristianismo en el Occidente del Imperio Romano (Memorias de Historia Antigua, V)*, Oviedo: 1981, p. 73-88.

<sup>18</sup> PENA, 1981: 78 e 81.



sua versão masculina, facto que, segundo M. J. Pena, citando Lambrino, pode indiciar a assimilação de divindades locais, embora para os casos observados na Tarraconense tenham ainda sido aventadas outras hipóteses, como a associação dos cultos a *Tutela* e aos *Genii*, ou o facto de as divindades como *Tyche* ou *Cibele* poderem ser designadas na sua forma masculina.<sup>19</sup> Em duas das quatro inscrições dedicadas à *Tutela* encontradas em Portugal a invocação da divindade encontra-se associada a um segundo elemento determinativo toponímico [“à *Tutela* dos *Aquiflavienses*”, ou “à *Tutela* dos *Lirienses* (ou *Tirienses*)”], o que permite suspeitar que os dedicantes oferecem os seus *ex-vota* a uma divindade tutelar, talvez local. Tendo em consideração alguns dos pressupostos, somos tentados a pensar que esta dedicatória cultural a *Tutela* do Laranjal possa estar relacionada com um culto indígena “dissimulado”. Tal significaria que, para além da associação a uma divindade indígena, poderemos estar perante um deus *Tutela*.

Do ponto de vista cronológico, a identificação do dedicante com *duo nomina*, ausências de filiação e de antroponímica indígena, bem como as características paleográficas permitem propor a segunda metade do século II ou inícios do século III. O horizonte cronológico proposto coincide também com a maior fase de difusão deste culto na Península Ibérica, relacionada, na opinião de M. J. Pena, com a expansão dos cultos orientais<sup>20</sup> e, ainda, com a cronologia proposta para a ara consagrada a *Denso*.

SÉRGIO PEREIRA

JORGE FEIO

FILIPPE SANTOS

JORGE PINHO

FÁBIO ROCHA

EULÁLIA PINHEIRO

---

<sup>19</sup> PENA, 1981: 74 e 76.

<sup>20</sup> PENA, 1981: 73-88 e FERNANDES, 2002: 179-188.



446

ÁRULA FUNERÁRIA DE TRÓIA  
(*Conventus Pacensis*)

Árula funerária romana descoberta aquando da visita de estudo à orla do estuário do rio Sado que Inês Vaz Pinto fez com técnicos da empresa “Nova Conservação, Lda”, a 27 de Outubro de 2011. Foi recolhida no dia seguinte, depois de fotografada *in situ*, por Inês Vaz Pinto e Patrícia Brum.

Ficara à vista depois de forte tempestade, que provocou uma maré muito viva, que levou muita areia da orla. A peça estava deitada com a face epigrafada para baixo e encostada ao canto de um edifício, ao nível do pavimento desaparecido (Fig. 1). O edifício é de função desconhecida e fica imediatamente a sudeste da oficina de salga 17.<sup>1</sup> Não se conhece, nas imediações, necrópole a que esta árula pudesse pertencer.

De mármore róseo do tipo Estremoz /Vila Viçosa, com leve pátina amarela, está praticamente intacta; apenas as escoriações devidas às intempéries e reutilizações: na zona esquerda da moldura do capitel, na aresta esquerda do fuste, no soco da base (Fig. 2). A prolongada exposição à erosão desgastou a superfície epigrafada, de modo que as letras – gravadas, aliás,

---

<sup>1</sup> PINTO (Inês Vaz), MAGALHÃES (Ana Patrícia) e BRUM (Patrícia), «O complexo industrial de Tróia desde os tempos dos *Cornelii Bocchi*», in CARDOSO (João Luís) e ALMAGRO-GORBEA (Martín) (eds.), *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*. Colóquio Internacional de Tróia (6-8 de Outubro de 2010), Academia Portuguesa da História e Real Academia de la Historia, Lisboa – Madrid, 2011, p. 140.

muito tenuemente, a estilete, a denotar um ritmo cursivo – mais se intuem do que vêem (Fig. 3). Moldurada e alisada nas quatro faces. O capitel ostenta fóculo superior, perfeitamente côncavo, ladeado de dois toros cilíndricos lisos, solidários com o fóculo e delineados por sulco, a sugerir frontão central liso de topo arredondado, tanto na face dianteira como atrás (Fig. 4). Um conjunto notável do ponto de vista estético, como que assente num plinto – a lembrar árulas dedicadas a Endovélico e, de modo especial, a árula de Évora que perpetua a memória de Vivénia Bádia (Fig. 5).<sup>2</sup> Faixa saliente seguida de gola encurtada constituem a molduração superior do fuste, a que corresponde, na base, graciosa gola reversa. Pesa a árula 24,6 kg.

Dimensões: 48,5 x 21,7/17/21,7 x 13/9,5/13.

Campo epigráfico: 20 x 16,8.

D(is) · M(anibus) · S(acrum) / TROPH[I?]/[ME?] [VIX(it)  
ANNIS] [?] / LX (sexaginta) [?] [H(ic) S(ita) E(st)] [?] / <sup>5</sup>S(it) ·  
T(ibi) · T(erra) · L(evis)

*Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Trofime (?).  
(Viveu?) 60 anos. Que a terra te seja leve.*

Altura das letras: l. 1: 2 (S = 3); l. 2: 2,5 (H = 3); l. 3: 2,8; l. 4: 2,4; l. 5: 2,5. Espaços: 1: 0,7; 2: 1,5; 3: 1; 4: 1,7; 5: 1,5 (?); 6: 2.

Paginação com tendência para alinhamento à esquerda, de linhas espaçadas de forma a ser ocupado todo o campo epigráfico disponível.

Linha 1: D gravado sem prévio auxílio de escantilhão, pelo que a curvatura é, de facto, uma linha quebrada; segue-se pontuação triangular; M apenas perceptível nos vértices superiores; o ponto seguinte a um nível levemente inferior ao meio da linha; S lê-se

---

<sup>2</sup> IRCP 408. Aproveite-se o ensejo para informar que, na sequência das obras feitas no Hotel Planície, em Évora, onde a árula fora encontrada, adquiriu-a o Doutor Rui Carita (da Universidade da Madeira), estando ainda em curso diligências para que dê entrada no museu da cidade, como já se noticiou em ENCARNÇÃO (José d'), «IRCP – 25 anos depois», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, IGESPAR: Lisboa, vol. 11, nº 2, 2008, p. 225. Acrescente-se que, nesse texto, o monumento vem identificado, por lapso, como IRCP 382.

bem, simétrico, inclinado para diante, eventualmente seguido de ponto.

Linha 2: T de travessão longo e vértice inferior a terminar em V invertido, o que denota requinte no seu traçado; R esguio, sem que a curvatura toque na barra vertical; O ovalado, já menos perceptível, devido à erosão, na sua metade direita; identificar como P a letra seguinte não se nos afigura discutível, dado que se observa parte da haste vertical e a curvatura superior, sendo interpretável como resultado do desgaste a aparência de B, uma vez que eventual pança inferior não arrancaria do termo da superior. Também não cremos haver dúvida em identificar o H, bastante largo; o acentuado desgaste da superfície impede-nos de garantir a última letra, onde se esperaria uma vogal, ainda que, à vista desarmada, seja D que se parece ler: cremos, todavia, que a pedra lascou precisamente a partir do traço do I. A junção PH, pela sua conotação grega (a equivaler ao som F), levou-nos a procurar paralelos nos *cognomina* gregos registados na epigrafia de Roma: Solin cita uma *Papiria Trophe*, liberta de Rufo e de uma mulher (CIL VI 37 693) e *Q. Minucius Trophus* (CIL VI 22 552).<sup>3</sup> Tanto um como outro são casos únicos e, por isso, de mui escassa difusão para serem adoptados neste extremo ocidental do Império.

Linha 3: É no começo desta linha que o esborcelamento levou parte da superfície epigrafada; contudo, há a hipótese de termos aí a perna direita de um M, o que levaria a sugerir a leitura *Trophime* ou mesmo *Trophimae*, antropónimo esse registado na Hispânia e, inclusive, no *conventus Pacensis*.<sup>4</sup> O desgaste a esse nível é grande e apenas poderemos supor – dado que nos parece ler LX no começo da linha seguinte – que aí viria a fórmula indicativa da idade da defunta; algo como *VIX(it) ANNIS*, por exemplo, ainda que esse formulário não seja corrente na epigrafia do sítio.

---

<sup>3</sup> SOLIN (Heikki), *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque, 1982, p. 1256 e 1032 (respectivamente).

<sup>4</sup> ENCARNÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984 [=IRCP], p. 120 (nº 70); IDEM, «A história de uma escrava romana», *Al'ulyã* (Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé), vol. 8, 2001-2002, 23-33.

Nessa linha 4, estarão decerto as siglas H · S · E – H(*ic*) S(*ita*) E(*st*) –, completamente apagadas, porém, pois que as siglas S · T · T · L se reconstituem bem na l. 5, separadas por minúscula pontuação triangular: do S vê-se a quase totalidade; do primeiro T apenas se intui parte da barra; o segundo lê-se bem; do L resta o vértice e a totalidade da barra; não pode garantir-se que haja um ponto no final, mas é hipótese viável.<sup>5</sup>

Apesar das dúvidas, a árula insere-se no que conhecemos da epigrafia local datável de finais do século I da nossa era: assinala a sepultura de alguém que, de origem escrava, terá falecido com propecta idade (60 anos), se a nossa interpretação estiver correcta. Assinale-se, mais uma vez, a graciosidade da peça, certamente lavrada numa oficina de renome, que não teria clientes apenas em Tróia mas, pelo menos, na metade norte do *conventus Pacensis*. A possibilidade de laborar perto das pedreiras de Estremoz / Vila Viçosa não se nos afigura também despicienda.

JOSÉ D' ENCARNÇÃO

INÊS VAZ PINTO

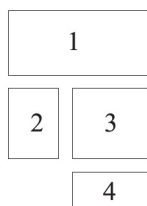
ANA PATRÍCIA MAGALHÃES

PATRÍCIA BRUM

---

<sup>5</sup> Perante as dificuldades de leitura, solicitámos a Hugo Pires a gentileza de aplicar a este caso o processo fotográfico que introduziu («técnica de contraste 3 D\_Polychrome»). De enorme utilidade noutras circunstâncias, tal procedimento não permitiu aqui um avanço maior na identificação dos caracteres gravados, dado o extremo desgaste da superfície. Das várias fotografias que teve a amabilidade de nos enviar (bem haja!) reproduzimos aquela em que utilizou o modelo 3D (Fig. 6), uma vez que os exemplos em bicromia e policromia não resultaram eficazes.







5

6

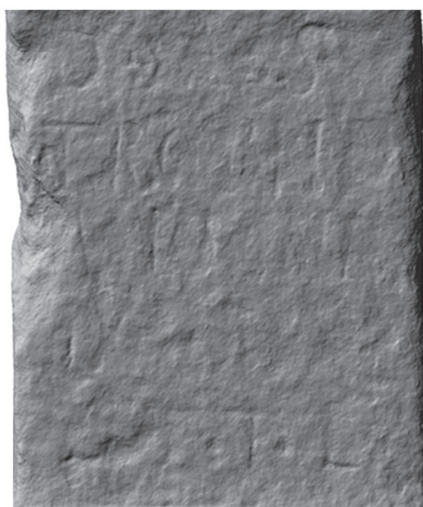


Foto: Hugo Pires

447